

PANORAMA ECONOMICO – SETEMBRO

EXTERIOR

De acordo com o Departamento do Trabalho, o Índice de Preços ao Consumidor (CPI) dos Estados Unidos subiu 0,4% em setembro em comparação com o mês anterior, estando acima da média esperada pelos analistas. Na comparação anual, o índice apresenta alta de 8,2%.

Já o núcleo do CPI, que exclui os alimentos e a energia, subiu 0,6% em comparação com agosto. Na comparação anual, o índice avançou 6,6%.

Na Zona Euro a inflação alcançou o maior nível desde o início da série histórica iniciada em 1997, ao atingir 10% no acumulado em 2022. O resultado foi impulsionado principalmente pelo setor de energia, que registrou alta de 40,8% no mês e que continua sendo fortemente impactado pela crise energética na região em virtude do conflito entre a Rússia e a Ucrânia.

Para tentar conter os altos níveis de inflação, o Banco Central Europeu (BCE) elevou a taxa básica de juros em 0,75%, sendo a segunda alta desde 2011 após anos mantida em patamares negativos. Por outro lado, o governo criou um pacote de redução tributária para evitar que o país entre em recessão.

Na China, o Índice de Preços ao Consumidor subiu para 2,8% em setembro na comparação anual. Já o Índice de Preços ao Produtor avançou 0,9% no mês, estando abaixo da projeção do mercado. A economia chinesa está sendo pressionada o devido às consequências de vários bloqueios relacionados à covid este ano e pela recessão imobiliária.

O Federal Reserve, banco central dos EUA elevou a taxa básica de juros em 0,75%, sendo o quinto aumento da taxa em 2022 e o maior patamar desde 2008. Com isso, a taxa passou a ter um intervalo de 3% a 3,25%. De acordo com o comunicado divulgado pelo FOMC, há a probabilidade de que ocorram novas elevações nas próximas reuniões do comitê.

Mesmo com as medidas contracionistas implementadas pelo governo norte americano, os dados de vendas do varejo surpreenderam e permaneceram estáveis em setembro.

O índice de gerentes de compras industrial da China subiu para 50,1 em setembro, estando acima das expectativas.

O Banco Mundial aprovou um empréstimo de US\$ 900 milhões para a Argentina para os próximos seis meses, tendo em vista combater a inflação e promover um crescimento sustentável.

As bolsas de Nova Iorque registraram resultados negativos em setembro. O Dow Jones encerrou o mês em -8,68%, o S&P 500 em -8,91% e o Nasdaq em -9,66%, os quais foram impactados pela elevação na taxa básica de juros no país.

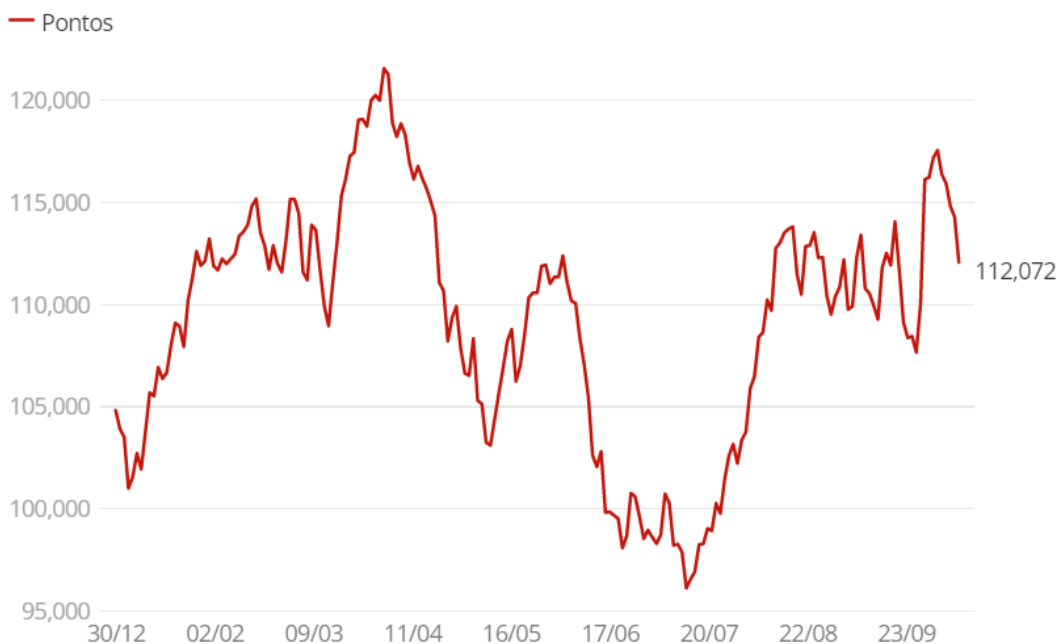
NACIONAL

O Ibovespa encerrou setembro em alta de 0,47% aos 110 mil pontos. Como resultado, o índice acumula ganho de 4,97% em 2022.

A alta ocorreu após a divulgação dos dados dos índices de gerente de compras (PMI) da China.

Variação do Ibovespa em 2022

Pontuação de fechamento



Fonte: B3

O IPCA-15 de setembro apresentou deflação de 0,37% no mês, ocasionada pela queda nos preços dos combustíveis e da alimentação no domicílio. Com isso, acumula alta de 7,96% em 12 meses.

O IGP-M caiu 0,95% em setembro. Como resultado, o índice acumula alta de 6,61% no ano e alta de 8,25% em 12 meses.

Foi divulgada a ata da última reunião do Copom. O Banco Central informou que o ambiente externo se mantém adverso com revisões negativas para o crescimento das principais economias.

O Comitê de Política Monetária (Copom), manteve a taxa básica de juros em 13,75% ao ano na última reunião realizada, após 12 altas consecutivas. A decisão era esperada pelo mercado, já que houve dois meses seguidos de deflação.

Foi divulgada a arrecadação do governo federal em agosto, a qual apresentou um crescimento real de 8,2% em comparação com o mesmo mês de 2021 ao atingir R\$ 172,31 bilhões. Além disso, foi o maior valor já registrado para meses de agosto desde o início da série histórica da Receita Federal (1995).

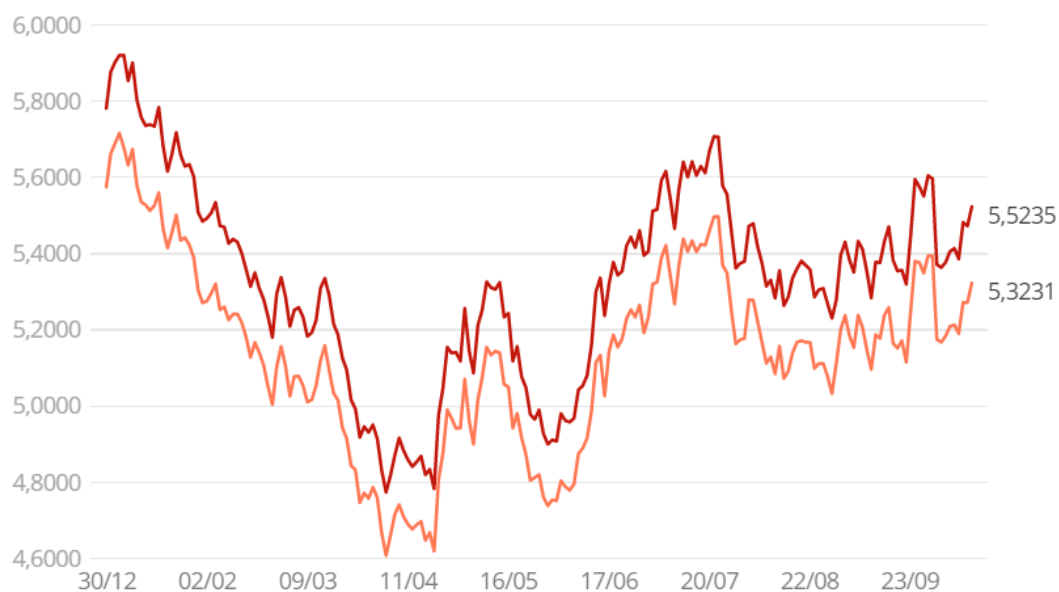
De acordo com o IBGE, a produção industrial de julho cresceu 0,6% de julho, onde observa-se que as medidas governamentais de estímulo ajudaram a melhorar o ritmo da produção. Entretanto, a indústria acumula queda de 2% em 2022.

O dólar apresentou valorização em setembro, ao encerrá-lo com alta de 3,71%. Como resultado, a moeda norte americana possui valorização de 3,10%.

Variação do dólar em 2022

Cotação de fechamento, em R\$

— Dólar comercial — Dólar turismo (sem IOF)



Fonte: Valor Pro

ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA

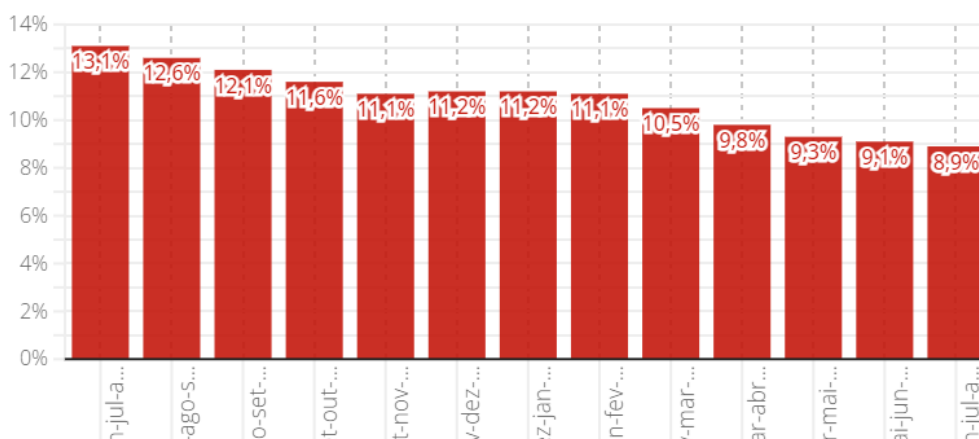
De acordo com o IBGE, a taxa de desemprego caiu para 8,9% no trimestre encerrado em agosto, sendo o menor valor desde o trimestre encerrado em julho de 2015 e a sexta queda consecutiva da taxa. Entretanto, ainda há 9,7 milhões de pessoas que são impactadas pela falta de emprego no Brasil.

Evolução da taxa de desemprego no Brasil

Índice no trimestre

Clique nas linhas para visualizar outros valores

● Índice no trimestre



g1

Fonte: IBGE

A quantidade da população ocupada bateu recorde, ao registrar 99 milhões de pessoas empregadas, o maior valor desde o início da série histórica, que foi iniciada em 2012. De acordo com o divulgado pelo IBGE, as atividades que influenciaram o resultado foram o comércio e a administração pública.

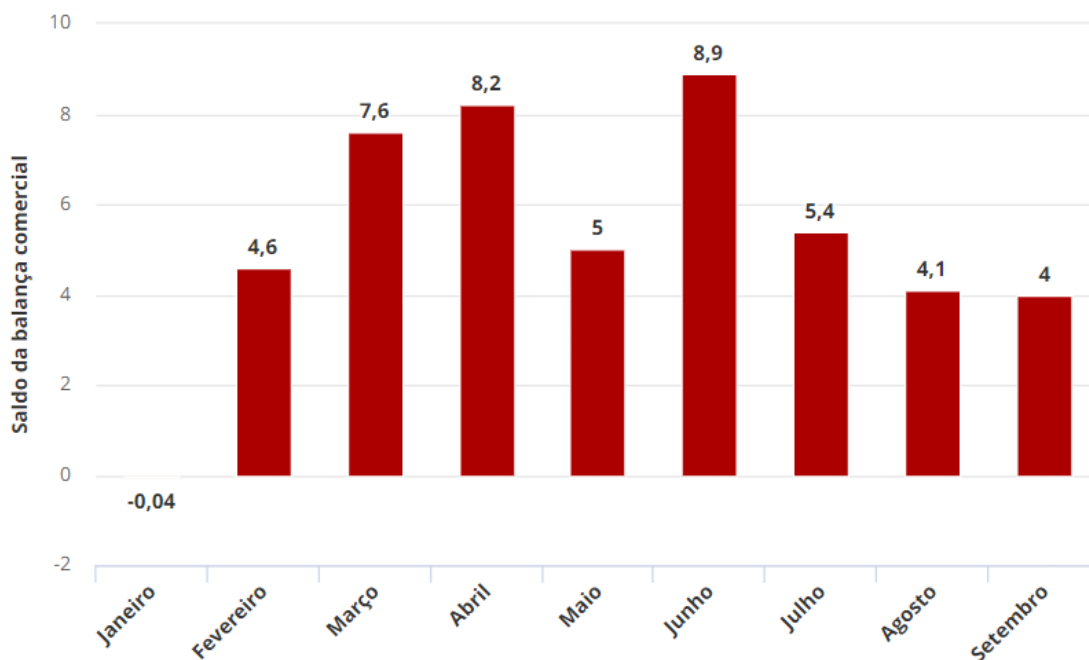
O rendimento real habitual cresceu 3,1% em comparação com o trimestre anterior, sendo o segundo mês seguido de alta. O resultado se deu, principalmente, pela deflação dos últimos meses.

SETOR PÚBLICO

A Secretária de Comércio Exterior do Ministério da Economia divulgou que a balança comercial de setembro registrou superávit de US\$ 4 bilhões, já no acumulado do ano, foi registrado saldo positivo de US\$ 47,9 bilhões. Entretanto, trata-se de uma queda de 9,1% na comparação com o mesmo período de 2021.

Resultado da balança comercial em 2022, mês a mês

Em US\$ bilhões, valores arredondados e revisados



Fonte: Ministério da Economia

No mês, as exportações somaram US\$ 29 bilhões, já a importações totalizaram US\$ 25 bilhões. A queda nos resultados em setembro em comparação com o mesmo período de 2021, se deu pelo aumento do preço dos produtos importados, puxado por adubos, fertilizantes e combustíveis. Além disso, houve crescimento da quantidade de produtos importados e desaceleração de produtos exportados.

INFLAÇÃO

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou queda de 0,29% em setembro, sendo o terceiro mês consecutivo de deflação, fato que não acontecia desde 1998 e a maior deflação acumulada da série histórica da pesquisa (iniciada em 1980), após apresentar 1,32% de queda em 2022. Com isso, o índice acumula alta de 4,09% no ano e alta de 7,17% nos últimos 12 meses.

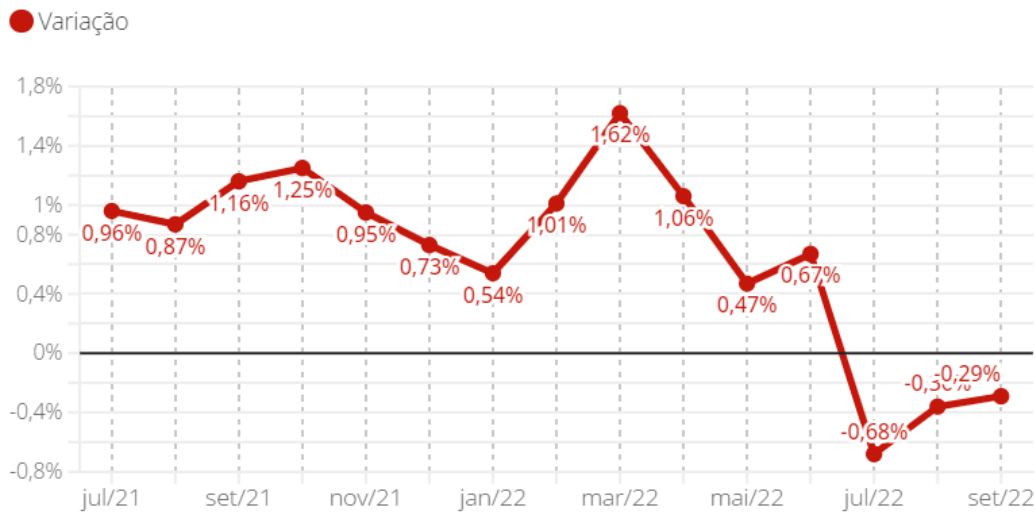
O resultado foi motivado, principalmente, pela redução no preço dos combustíveis, tendo em vista que a gasolina é o item que, individualmente, mais tem o maior peso sobre o IPCA.

Dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados, cinco apresentaram aumento dos preços. A maior alta foi do vestuário (1,77%), seguida das despesas pessoais (0,95%) e da habitação (0,60%). Por outro lado, os preços da alimentação e bebidas caíram pela primeira vez em 2021 (-0,51%).

IPCA - Inflação oficial mês a mês

Variação (%) na comparação com o mês anterior

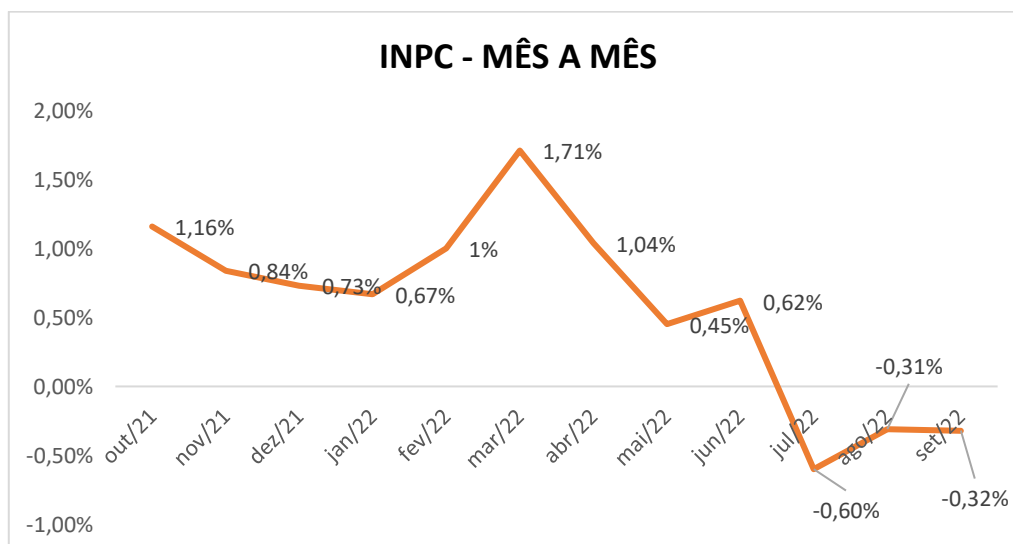
Clique nas linhas para visualizar outros valores



g1

Fonte: IBGE

De acordo com o IBGE, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) caiu 0,32% em setembro, com destaque para a redução dos produtos alimentícios (-0,51%). Com isso, o índice acumula aumento de 4,32% em 2022 e aumento de 7,19% nos últimos 12 meses.



PERSPECTIVAS

As perspectivas são de que haja desaceleração da inflação na China nos próximos períodos, tendo em vista que há um baixo crescimento econômico no país, ocasionado pelos recentes lockdowns implementados recentemente em diversas cidades.

Há a expectativa de que o Fed realizará novas altas dos juros, o que tende a fazer com que os investidores estrangeiros deixem o Brasil para que obtenham melhores rentabilidades no país norte-americano. Com isso, há uma maior probabilidade de que ocorra desvalorização do real nos próximos períodos.

Para 2023, é esperado que haja um baixo crescimento econômico global, tendo em vista que diversos países estão com a taxa de juros elevada na tentativa de desestimular a economia e assim, controlar a inflação.

CONCLUSÃO

Em análise ao cenário internacional, com as taxas de juros mais altas no EUA tendem a elevar a cotação dólar no Brasil, já que os investidores estrangeiros tendem a deixam o país.

Nos próximos meses poderemos ter uma desaceleração na economia mundial, tendo em vista que com a elevação da taxa de juros nas principais economias reduz o poder de compra da população reduzindo o crescimento econômico ao redor do mundo.

No Brasil, as eleições trazem volatilidade para o fim de 2022 devido a incerteza de quem assumirá o governo. Entretanto, os resultados do IPCA nos últimos três meses indicam que a inflação está mais próxima de atingir o teto da meta definida pelo CMN, trazendo um alívio no ambiente doméstico.

RECOMENDAÇÃO

Quanto a nossa recomendação, sugerimos cautela ao assumir posições mais arriscadas no curto prazo, a volatilidade nos mercados deve se manter ainda sem desenhar um horizonte claro, em razão principalmente pelo nosso cenário político.

Porém, os títulos públicos principalmente na parte curta, além de fundos de vértice, muitos RPPS aderiram por conta da recessão e havendo oportunidades a quem quiser ingressar. Mantivemos a não recomendação de fundos de longuíssimo prazo (IMA-B 5+), 5% em fundos de longo prazo (IMA-B TOTAL E FIDC/ CRÉDITO PRIVADO/ DEBÊNTURE) e 15% em fundos Gestão Duration.

No desempenho de renda fixa, médio prazo além dos índices pós fixados (IDKA IPCA 2A e IMA-B 5) recomendamos também a entrada gradativa em fundos atrelados ao IRF-M, chegando ao patamar de 10%.

Quanto a exposição em curto prazo, recomendamos fundos atrelados ao CDI e ao IRF-M1 na totalidade de 15%.

Recomendamos a aquisição gradativa de títulos privados (letra financeira e CDB), chegando ao patamar de 10%.

Com o COPOM sinalizando que deve continuar com ciclo de alta em menor proporção e posteriormente uma manutenção se a inflação continuar resistente mediante a política de juros, pode se entender que o mercado está precificando que os índices em médio prazo irão cair, passando parte da nossa estratégia para pré-fixados.

Recomendamos cautela ao adquirir fundos de investimento no exterior devido ao atual cenário econômico onde há expectativas de alta na taxa de juros, trazendo volatilidade no mercado acionário exterior à curto prazo. Recomendamos a exposição de 10% em fundos que não utilizam hedge cambial.

Quanto a fundos de ações atrelados a economia doméstica recomendamos a entrada gradativa de modo que o investidor fique atento a oportunidades da bolsa de valores, construindo um preço médio mais atrativo.

Para aqueles que enxergam uma oportunidade de investir recursos a preços mais baratos, municie-se das informações necessárias para subsidiar a tomada da decisão.

INVESTIDOR EM GERAL – SEM PRÓ GESTÃO

Estratégia de Alocação dos Recursos no Longo Prazo – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	60%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture)	5%
Gestão do Duration	15%
Médio Prazo (IRF-M Total)	10%
Médio Prazo (IMA-B 5 e IDKA 2)	5%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1)	15%
Títulos Privados (Letra financeira e CDB)	10%
<u>Renda Variável</u>	30%
Fundos de Ações	20%
Multimercados	7,5%
Fundos de Participações *	0%
Fundos Imobiliários *	2,5%
<u>Investimento no Exterior</u>	10%
Fundos de Investimentos no Exterior (Hedge)	0%
Fundos de Investimentos no Exterior	10%

* Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.

PRÓ GESTÃO NÍVEL 1

Estratégia de Alocação dos Recursos no Longo Prazo – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	55%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture)	5%
Gestão do Duration	15%
Médio Prazo (IRF-M Total)	10%
Médio Prazo (IMA-B 5 e IDKA 2)	5%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1)	10%
Títulos Privados (Letra financeira e CDB)	10%
<u>Renda Variável</u>	35%
Fundos de Ações	25%
Multimercados	5%
Fundos de Participações *	2,5%
Fundos Imobiliários *	2,5%
<u>Investimento no Exterior</u>	10%
Fundos de Investimentos no Exterior (Hedge)	5%
Fundos de Investimentos no Exterior	5%

* Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.

PRÓ GESTÃO NÍVEL 2

Estratégia de Alocação dos Recursos no Longo Prazo – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	50%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture)	5%
Gestão do Duration	10%
Médio Prazo (IRF-M Total)	10%
Médio Prazo (IMA-B 5 e IDKA 2)	5%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1)	10%
Títulos Privados (Letra financeira e CDB)	10%
<u>Renda Variável</u>	40%
Fundos de Ações	30%
Multimercados	5%
Fundos de Participações *	2,5%
Fundos Imobiliários *	2,5%
<u>Investimento no Exterior</u>	10%
Fundos de Investimentos no Exterior (Hedge)	5%
Fundos de Investimentos no Exterior	5%

* Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.

PRÓ GESTÃO NÍVEL 3

Estratégia de Alocação dos Recursos no Longo Prazo – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	40%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture)	5%
Gestão do Duration	5%
Médio Prazo (IRF-M Total)	5%
Médio Prazo (IMA-B 5 e IDKA 2)	5%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1 e CDB)	10%
Títulos Privados (Letra financeira)	10%
<u>Renda Variável</u>	50%
Fundos de Ações	40%
Multimercados	5%
Fundos de Participações *	2,5%
Fundos Imobiliários *	2,5%
<u>Investimento no Exterior</u>	10%
Fundos de Investimentos no Exterior (Hedge)	5%
Fundos de Investimentos no Exterior	5%

* Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.